

O Pulsar de Meio Século

1953 – 2011

Historial crítico sobre os Serviços Educativos dos Museus do Estado *

Sinto-me grata pelo convite do ICOM, Conselho Internacional dos Museus, emocionada por participar neste primeiro Encontro da CECA, Comité de Educação e Acção Cultural, e por dar voz ao historial dos Serviços Educativos em Portugal.

Vacilo numa ambiguidade que compreenderão. A honra de ser das mais antigas, senão mesmo aquela com mais anos no activo, nos Serviços Educativos dos museus do estado, e a nostalgia de não ter pela frente tantos anos quantos os que aqui vivi, fascinada, imbricada em universos simbólicos, cingida por heranças criadas pelos povos, atada a pessoas anónimas capazes de sensibilidade.

Justificação

Reclamam-me a história dos Serviços Educativos. Quanto mais cogitava mais a memória insubordinada confessava lembranças, cenários e tempos outros.

Houve que distinguir e decidir.

Trago-vos a retrospectiva possível, deliberadamente não exaustiva, sem a visão, os pressupostos ou as teorias da investigação que redundam em teses perfeitas mas inócuas de sentimento.

A memória do passado faz a história e reinventa o futuro, por isso recuarei mais de 50 anos. Sintetizei ideias, evoquei pessoas, elegi factos, arrumei-os numa sequência objectiva, contextualizei o panorama dos museus, o titubeante caminho da educação e a sua adopção já em tempos de contemporaneidade. Dividi por décadas, justifiquei com um parecer pessoal e para rematar exibirei fraquezas e forças de um serviço que olha de frente os seus pares e se propõe às comunidades.

Consciência

Que realidade é mais transversal a cada um em particular e em simultâneo a todos nós?! Não chamamos o compromisso de levantar véus, vasculhar hipóteses, interpretar signos, inquirir o conhecimento, ler para além do visível? Não subsistem dúvidas, pois não?

* versão revista em 2012

Então darei voz aos nossos quotidianos. Quotidianos de dar sentido, ou sentidos, quer sejam cultos, populares, científicos ou naturais, quer a perspectiva seja histórica, cronológica, crítica, artística ou técnica, por tempos da antiguidade ou da contemporaneidade, quer esse sentido seja afectivo ou emocional em partilha com todos, muitos ou poucos, pequenos, adultos ou envelhecidos, desconhecedores ou cultos, são e eficazes, mas também para todos, todos os outros sem qualquer excepção, será a história reflectida de quem esteve do lado de lá do fazer, da *praxis* ou da mão na massa, é a história e o pulsar de todos nós. É, ainda, inabalavelmente, a real convicção de que ao olhar para ontem foi no amanhã que sonhámos!



1958. "Revista Semanal Ilustrada". Jardim do Museu Nacional de Arte Contemporânea

A força desta imagem, os pressupostos indagativos e a legenda como baluarte "Uma aventura nos museus de Lisboa", impuseram-se. "Isto é um museu", "Isto é um museu", três vezes repetido.

História

1936 O artigo 10º do Decreto-Lei nº 27084 define: “prevê e recomenda a visita dos alunos e professores dos estabelecimentos de ensino aos museus de arte e monumentos nacionais”.

1945 A paz é restabelecida com o fim da Segunda Guerra Mundial.

1946 É criado o ICOM, International Council of Museums, a maior organização internacional de museus e profissionais de museus dedica à preservação e divulgação do património mundial, natural e cultural, do presente e do futuro, tangível e intangível.

1953 No Museu Nacional de Arte Antiga em Lisboa, João Couto e Madalena Cabral criam o primeiro Serviço Educativo em Portugal, iniciando assim uma nova era nos museus. Uma pequena equipa de mulheres pioneiras, autodidactas, conduzidas por Madalena Cabral, num trabalho isolado e de absoluto mérito acolhia alunos e professores e mediava a colecção de belas artes.

1954 Em Paris, André Malraux aborda o tema da arte e do homem, e no seu livro “O Museu Imaginário” propõe: “a reflexão destes novos espaços que passam também a ensinar, a impor a discussão e a questionar a colecção”.

1956 João Couto, director do Museu Nacional de Arte Antiga, homem inovador e erudito, para quem os problemas de ordem pedagógica fazem parte das suas preocupações habituais escreveu, “tenho dito e redito que o museu em plena actividade, além de preparar os que lá trabalham, deve educar o público num ensinamento permanente que abranja todas as idades e graus de aprendizagem”.

Anos 60

Anos de preparação. Um pouco por todas as áreas do conhecimento e das artes fervilhavam novas experiências e novas práticas. No universo das artes plásticas as rupturas estão em curso, na literatura experimenta-se o ensaio, no teatro a pesquisa de intervenção, na música surgem os primeiros grupos contemporâneos e irrompe o movimento do novo cinema português. Na investigação aparecem contempladas pela primeira vez, áreas como a psiquiatria infantil ou a psicomotricidade e o caminho para a psicopedagogia das expressões, trazia um novo olhar ao desenvolvimento da criança.

Em 1965 logrando também deste espírito de mudança, o Decreto-Lei nº 46758 no artigo 25º regulamenta: “Incumbe ainda aos museus organizar visitas colectivas, orientadas, às suas colecções e estimular, por todos os meios ao seu alcance, a organização delas por quaisquer outras entidades e promover que se multipliquem”. Finaliza com um parágrafo único: “A orientação destas visitas caberá ao pessoal técnico dos museus ou a outras pessoas idóneas”. Devo acrescentar, brevemente, da pertinência e modernidade dos conteúdos desenvolvidos nas muitas alíneas que compõem este documento fundador do moderno conceito museológico, muito em parte inspirados na filosofia humanista do Dr. João Couto.

Em 29 e 30 de Maio de 1967, durante duas noites sucessivas, a APOM, Associação Portuguesa de Museus, organiza no Museu Nacional de Arte Antiga o primeiro Seminário sobre “Museus e Educação”. Encontro alargado a professores e educadores para debater e discutir da importância e vantagens da colaboração dos museus com os estabelecimentos de ensino. Organização de J.M. Bairrão Oleiro, Madalena Cabral e Carlos de Azevedo.

1969 Surge em Lisboa a Fundação Calouste Gulbenkian dedicada às áreas da arte, da educação e da ciência, numa dádiva de acção cultural posta ao serviço do estado, e de algum modo também, o ministério da cultura alternativo.

Anos 70

1974, 25 de Abril, panorama de um país empenhado na reconstrução e na concretização de objectivos democráticos: acesso à educação e cultura para todos, novos currículos escolares do ensino primário contemplavam o ensino artístico, à excelência dos museus de belas artes e à luz das novas abordagens trazidas pela antropologia e sociologia são considerados outros museus, os eco museus de região, na Universidade Nova de Lisboa cria-se a variante em História de Arte.

Mas, no entanto, o museu permanece de organização e estrutura elitista muito hierarquizada, centrando-se principalmente na constituição e conservação das colecções. Rodeia-se por um círculo restrito de conhecedores e especialistas que apreciam exposições permanentes, estáticas, sobre as quais se constrói um discurso cristalizado.

Nos grandes museus nacionais, de belas artes, mantém-se a veneração pelo acervo que se defendia dos públicos curiosos, sem conhecimento específico ou cultura adequada. A presença de outro público é pouco valorizada. Escolas e crianças são tidas como um mal necessário.

Bem consciente desta realidade, o grupo de Educação do Museu Nacional de Arte Antiga, havia empreendido numa tarefa de formação para pessoas com saber e sensibilidade que posteriormente se lançavam informalmente nos domínios da educação noutros museus do estado, como é o caso dos Coches, Arqueologia, Soares dos Reis ou até no Malhoa das Caldas da Rainha, e ainda, também, num museu particular, o Museu dos Condes Castro de Guimarães.

No Museu da Fundação Calouste Gulbenkian, é criado em 1970, o Serviço Educativo com monitores que promovem visitas guiadas regulares e actividades dirigidas ao público.

Na ausência de pessoas com qualificação para interagir com o público, como já acontecia pontualmente em Arte Antiga, na Gulbenkian e nalguns outros museus, directores de museus do estado confiavam que funcionários com outros perfis, até guardas, fizessem visitas às escolas, desde que mostrassem algum jeito para crianças, o que, obviamente, redundava no empobrecimento e qualidade efectiva da aprendizagem, porque, sabemos, a questão central não dependia de ser ou não jeitoso. A função dos ambicionados Serviços Educativos nos museus do estado era marginal e subsidiária.

Embora, paralelamente, a nova museologia de Georges-Henri Rivière e o programa de “Museu Vivo” com actividades lúdicas para os públicos de território, operou em Portugal apenas alguma mudança local como são os casos paradigmáticos do Eco Museu do Seixal e do Parque Arqueológico de Mértola.

Mas o conhecimento avançava rapidamente, e as novas correntes pedagógicas da educação valorizam a aprendizagem como um processo de construção, com recurso a metodologias activas e participativas.

Acreditando veementemente nestes conceitos de mudança, à margem da lei, os Serviços Educativos tinham nascido informalmente em muitos museus do estado e eram uma realidade incontestável com pessoas reais e funções concretas, que, enfrentando todas as adversidades, perante a incredulidade de muitos directores e conservadores, demonstravam na prática a possibilidade e a vantagem educativa em estabelecer relações de cumplicidade e criar laços simbólicos entre acervos e públicos. Pessoas, que dependiam de um pagamento à hora ou de um subsídio da Fundação Calouste Gulbenkian.

A Fundação Calouste Gulbenkian mantém-se pioneira polarizando a oferta de exposições temporárias de âmbito internacional.

Em 1977 o ICOM, Conselho Internacional dos Museus, institui o Dia Internacional dos Museus, 18 de Maio, valorizando a forma, a quantidade de actividades e de visitas guiadas, declinando o seu conteúdo culto e subjectivo.

Anos 80

No ano de 1983 Lisboa assiste a dois acontecimentos significativos. A XVII Exposição Europeia de Arte, Ciência e Cultura, com repercussões e afluência de público inéditas e a inauguração do Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian.

Este novo equipamento não está dotado de Serviço Educativo, muito embora pessoas avulsas cumpram com a actividade das visitas guiadas.

Surgem agora em força os Serviços Educativos dos museus autárquicos que mais próximos das comunidades propõem programações que galvanizam e interagem com as populações.

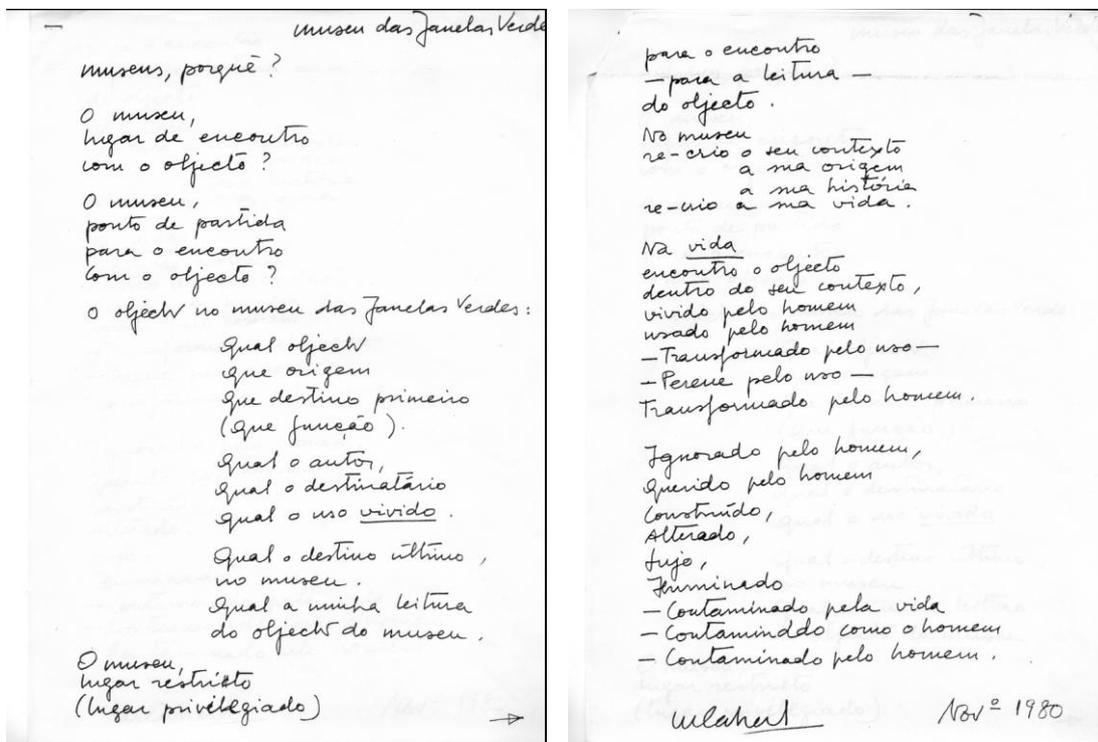
Só nestes anos os Serviços Educativos dos museus do estado vêem, justamente legitimada, a sua categoria criada por despacho de Decreto-Lei nº 45/80, que diz: “Cria-se nos quadros dos museus do estado a carreira de monitor do serviço educativo, atribuições: o monitor colabora na acção cultural do museu, exercendo junto do público, funções de educação, animação e informação”.

Vitória que traçava à nascença o declínio e morte de uma carreira. Como grau de acesso o curso complementar dos liceus, (porque se adequou o perfil dos monitores de facto quase em tempo de reforma), contra a habilitação superior que inflacionava já a sociedade portuguesa. Foi bizarria que trouxe sequelas intemporais. Condição o recrutamento de novos profissionais, desesperou quem por vocação já estava vinculado aos Serviços Educativos, mesmo com formação superior, e ainda, minou irreversivelmente a credibilidade e visibilidade de um Serviço que se desejava de qualidade para todos os públicos.

À margem de qualquer comentário fica apenas uma nota de incredulidade. Dois anos mais tarde o Decreto-Lei nº 88/82 vem estabelecer a necessidade de avaliação da capacidade profissional dos monitores de facto, informalmente há anos a desempenharem essa função, através de “provas de conhecimento prático de museu e de comunicação com o público”. Para o efeito foi nomeado um júri de notáveis museólogos, José Luís Porfírio, Madalena Cabral e Madalena Brás Teixeira.

Neste panorama e neste tímido processo de afirmação os anos que se seguiram continuaram espinhosos e os Serviços Educativos não deixavam de ser uns apêndices que legendavam o conceito das exposições para as escolas.

Mas um novo paradigma vinha a caminho, bem o sentíamos!



1983. Texto de Madalena Cabral apresentado no “Encontro Museus e Educação”. Museu Nacional de Arte Antiga

E a prová-lo, em Abril de 1983, o Museu Nacional de Arte Antiga promove o Encontro, “Museus e Educação”. Incluído na pasta de documentação, que ainda guardo, duas páginas que mostro a título de homenagem e testemunho. Duas folhas A4. Duas folhas históricas. Duas folhas escritas pelo próprio punho de Madalena Cabral que aqui deixa bem explícito o seu conceito e o seu envolvimento com os Serviços Educativos. Excerto.... “Na vida, encontro com o objecto, dentro do seu contexto, vivido pelo homem, usado pelo homem, transformado pelo uso, perene pelo uso, transformado pelo homem, querido pelo homem, construído, alterado, sujo, iluminado, contaminado pela vida, contaminado como o homem, contaminado pelo homem”. Para debate e conclusões é convidado o grande pedagogo português, Rui Grácio.

Anos 90

O director dos Museus de Liverpool, David Fleming, renova e inflama o conceito museológico ao defender que, “A educação está no coração dos museus” e reforça, “Digo mais, a educação é a única razão de ser dos museus!”.

Em Portugal, a conservadora Simonetta Luz Afonso tutela a direcção dos museus do estado e introduz mudanças significativas. Obras de conservação nos edifícios, renovação das estruturas, munindo os museus com lojas e cafetarias, uma maior visibilidade e uma aposta decisiva na circulação de grandes exposições com sucessos de bilheteira.

Estudam-se e investigam-se as colecções e publicam-se catálogos de referência.

No período de um ano, (1991/1992), na cidade de Lisboa, inauguram-se três espaços expositivos: Centro Cultural de Belém (CCB), Museu Arpad Szenes Vieira da Silva e Fundação Culturgest.

Numa só década Lisboa mostra-se à escala global com três grandes exposições temporárias: Europália (1992), Lisboa Capital Europeia da Cultura (1994) e Expo 98 (1998), com adesões de públicos ímpares, numa viragem da sociedade que preconiza novos tempos.

Para terminar a intensa agitação cultural desta década o Museu Nacional de Arte Contemporânea, agora designado Museu do Chiado, é reinaugurado, (1994). Raquel Henriques da Silva, sua directora e mulher que se veio a tornar decisiva no cenário museológico de então, (aqui o meu atrevimento com uma nota de cunho pessoal), convida-me para fazer parte da sua equipa e fundar/coordenar o Serviço Educativo deste museu nascente que detinha a maior colecção pública de arte contemporânea e a mais pequena, a mais motivada e a mais notável equipa com que alguma vez tive oportunidade de trabalhar.

A lógica das exposições temporárias e a sua rotatividade chega agora aos museus e rompe com a rotina colocando desafios permanentes de actualização, de estudo e de diálogo com os públicos. Reinventam-se linguagens e novos discursos expositivos, inclusivamente com preocupações ao nível das acessibilidades.

Em Londres, enquanto David Anderson conservador do Victoria and Albert Museum afirma que, “Os objectos têm o poder de mover a mente e o coração das pessoas, exhibi-los não chega. Mas, eles por si não são cultura, cultura é o que fazemos com eles”,

Em Leicester, Margarida Lima de Faria defende a tese “Amusement Without Excess and Knowledge Without Fatigue – Modern Transformations of the Museum Experience”, tornando-se assim a primeira mulher em Portugal a deter o título de Doutorada na área da museologia.

Em Abril de 1993, inesperadamente, dá-se um passo de gigante. O Serviço Educativo do Palácio Nacional da Ajuda promove uma reunião revestida de informalidade que tinha por primeiro objectivo o encontro e conhecimento dos colegas para partilha de preocupações inerentes à desqualificação e ignorância dos Serviços Educativos. A adesão foi a tal ponto, que, de um pequeno número de espectáveis participantes, tornou-se numa memorável mega reunião de cerca de oitenta e seis colegas. Estavam representados cinquenta e dois Serviços Educativos e ausentes apenas nove. O seu impacto e a consciência de que era o único grupo de profissionais dos museus com capacidade de se mobilizar e discutir questões pertinentes teve repercussões profundas, além da tomada de consciência da força e união dos Serviços Educativos. Durante largos anos, (até 2001), este grupo encontrou-se mensalmente, por vários museus do país, com a finalidade de reconhecer e aprofundar dinâmicas intrínsecas dos Serviços Educativos.

Coincidentemente, ou não, um mês depois, (Maio 1993), o Instituto Português de Museus, IPM, por designação do seu subdirector, nomeia um Grupo de Trabalho destacando alguns elementos dos Serviços Educativos dos Museus de Lisboa, para “reflexão e apresentação formal, de um documento sobre a situação dos referidos serviços de educação”. Nas várias sessões de trabalho, os monitores designados labutaram à volta de três eternas questões sobre as quais elaboraram a conclusão do referido Grupo de Trabalho: 1. Designação certa para a função educativa (Serviços Educativos?, Serviços de Educação?, ou apenas Educação?...ou talvez Extensão Cultural....) 2. Formação adequada para o perfil de técnico do Serviço Educativo. 3. Formação inicial e formação contínua. Apresentaram ainda diagnósticos e análises de dados recolhidos relativos à situação presente dos Serviços Educativos, meios humanos, actividades e carências. Alicerces de peso para a problematização dos fundamentos e conteúdos educativos e oportunidade única para alcançar um progresso qualitativo.

Em Outubro, (1993) o Instituto Português de Museus convoca todos os Serviços Educativos do país para uma jornada de trabalho onde submete a apreciação e discussão o Documento elaborado pelo Grupo de Trabalho de Lisboa, com o intuito da aprovação das conclusões finais. Como moral, uma vez mais, esses objectivos foram gorados e continuam em eterno adiamento.

Na mesma senda, pouco tempo depois, (1995) era a vez dos Museus de Setúbal promoverem o “Encontro Nacional de Museologia e Educação”. Serviços Educativos dos Museus Portugueses, Que perspectivas? Que carreiras? Que técnica? Conclusões: “O SE não deve ser confundido com a escolarização dos museus. Cumpre-lhe ser mediador entre a colecção e os diferentes

sectores da comunidade. Para tal, é necessário, que todo o *staff* do museu trabalhe em equipa com o mesmo objectivo”.

O Decreto-Lei nº 398/99 cria a Rede Portuguesa de Museus, entidade decisiva que vem dignificar e assumir a acção dos Serviços Educativos. Cumpre-lhe a título de exemplo: “Averiguar da profundidade e clareza com que a entidade museológica definiu os seus objectivos e a sua missão, designadamente no que toca ao seu papel de agente social, cultural e educativo....deve ainda ficar patente....a sua ligação à comunidade e aos públicos alvo a quem o seu trabalho se destina”.

Os Serviços Educativos não são mais os fazedores de visitas guiadas, porque, em si mesmas, as visitas não são um produto final, mas sim, um momento de um processo educativo. Contra o somatório de actividades dão corpo a incontáveis projectos de carácter pedagógico, com objectivos continuados que envolvem as comunidades quer escolares quer locais. Os Serviços Educativos são antes o garante das condições necessárias para a prestação de uma programação reflectida e adequada a cada exposição.

Século XXI Anos 10

Surgem novas profissões associadas ao trabalho museológico. O marketing, a publicidade e a relação com os *media* concorrem para a visibilidade e a capacidade de atrair os públicos numa lógica cultural tardo capitalista.

Impõe-se novas necessidades de mediação e de comunicação para os diferentes tipos de públicos, com interesses diferenciados.

Tão importante como os objectos/acervos são agora as estratégias desenvolvidas para a apresentação das colecções aos públicos.

A função educativa, constitui um dos fundamentos da missão do próprio museu, envolvendo nesse objectivo os diferentes profissionais.

Os públicos passam a ser a razão de existir do museu.

Os Serviços Educativos têm de se adaptar a todas estas rápidas modificações, encontrando soluções inovadoras para todos os problemas que se colocam, não perdendo o objectivo da

qualidade na prestação do serviço a um público com interesses diferenciados e cada vez mais exigente.

Com um intervalo de três anos são formalmente criados os Serviços Educativos da Fundação de Serralves (1999) e do Centro de Arte Moderna (2002). Bem estruturados, com uma programação vasta e rica têm equipas consistentes capazes de responderem com qualidade a muitos reptos e desafios educativos.

E, um outro olhar chega do exterior, com as Universidades abre-se um novo caminho inédito até então. Das mais diversas áreas do conhecimento os Serviços Educativos dos museus são abordados por alunos em estágios de formação curricular ou alunos a realizar dissertações de mestrado e doutoramento. Vêm com interesses muito concretos e específicos, no campo da pesquisa e da investigação, sobre públicos, educação, currículos escolares versus acervo, relação com a escola, etc, etc. Consideram conceitos, procedimentos e metodologias e a *praxis* teórico-pedagógica e pedagógica-didáctica dos Serviços Educativos.

Teses que mudaram o curso das investigações e definitivamente, trouxeram para a ribalta, o grupo profissional mais polémico que os museus consagram. Os Serviços Educativos!

Num périplo fugaz pelos Coordenadores dos Cursos de Museologia das Universidades de Lisboa, Porto e Évora apurei, a título de exemplo, que nem uma só tese foi elaborada no domínio estrito dos propósitos dos Serviços Educativos. Nem uma!

Raquel Henriques da Silva, enquanto Directora do Instituto Português de Museus, com o Decreto-Lei nº 55/2001 erradica, finalmente, a desqualificação do Serviço Educativo e a injustiça, da carreira dos monitores, extinguindo essa função e justifica, "...as importantes funções dos Serviços Educativos dirigidas a públicos diferenciados, cada vez mais exigentes, não dispensam um trabalho de equipa alargado, desempenhado por técnicos de nível superior". Vitória!

2001 Mais uma vez, Raquel Henriques da Silva, com o seu incondicional entendimento pela causa educativa organiza no CCB o Encontro " Museus e Educação", de programação pertinente, Política Educativa: objectivos, Formação, Captação de Novos Públicos, Parcerias e Avaliação. A partilha com os colegas ingleses, que pontuavam as reflexões com a sua experiência pessoal, foi dominante.

2001 Os históricos Encontros dos Serviços Educativos de Museus, numa prática de aprofundamento e reflexão, (desde o espontaneamente primeiro encontro em Abril de 1993),

cessam inexplicavelmente deixando um rasto de coerência e empenho apreciáveis. Uma referência para quem os viveu!

Em Dezembro de 2002 o Museu Nacional de Arte Antiga promove o Encontro “Ver, Rever. Museus, Educação” onde se homenageia Madalena Cabral, a veterana da educação nos museus, que cunhou muitas gerações de “monitores”, onde, tenho o privilégio de me incluir. As conclusões são da competência de Clara Camacho: “ênfatizam que da pluralidade deste encontro resultaram alguns tópicos significativos ...foram não apenas relatores da experiência vivida e da sua reflexão, deixaram muitas inquietações.... relativamente ao tema /chave da relação dos museus com os seus públicos, que é o dos Museus e da Educação”.

Em 2003 o Observatório das Actividades Culturais realizou um inquérito sobre o “Panorama Museológico em Portugal” e avaliou as actividades orientadas para visitantes:” O Serviço Educativo desempenha um papel muito importante na interligação da entidade museológica com os públicos e com a comunidade que a rodeia....48% dos casos afirma possuírem este serviço. No entanto, apesar dos progressos de crescimento a realidade é de que em 52% dos casos este tipo de serviço não existe”. Relembro-vos a data, 2003!

Também neste mesmo ano o Despacho Conjunto nº 1062/2003 constitui o Grupo de Trabalho do Ministério da Educação e do Ministério da Cultura. No relatório final, dedicado à missão educativa nas estruturas culturais referindo-se aos Serviços Educativos tutelados pelo Ministério da Cultura, descreve-os: “...grande parte deles tendo práticas afinadas ao longo de várias décadas, metodologias de trabalho didacticamente informadas e resultados de tal maneira relevantes que, algumas práticas podem mesmo ser consideradas, referenciais.....”.

2004 Fruto da Conferência Internacional "Todos diferentes. Todos iguais? Questões de Acessibilidade nos Museus” promovida por Maria Vlachou e Fátima Alves, cria-se o Grupo de Acessibilidades nos Museus, GAM, que tem como objectivo melhorar o acesso aos museus a todo o público com necessidades especiais: físicas, intelectuais ou sociais. Constituiu-se um grupo de trabalho com membros dos museus, basicamente técnicos dos Serviços Educativos, e, além de promover acções de formação, realiza anualmente um Seminário, já de referência nacional, quer no panorama museológico, universitário ou das acessibilidades, onde se reflectem e discutem problemáticas sobre as questões das acessibilidades.

Entre 2005 e 2007 a Rede Portuguesa de Museus promoveu três Cursos de Formação específica no âmbito dos Serviços Educativos. Também a Associação Setepés se tem distinguido nesta área formativa. Ambas, com a intenção de atenuar a absoluta e permanente carência neste domínio.

Para concluir, a Lei nº 47/2004 define a Lei-Quadro dos Museus Portugueses. O artigo nº 42, alínea um, esclarece: “O museu desenvolve de forma sistemática programas de mediação cultural e actividades educativas que contribuam para o acesso ao património cultural e às manifestações culturais”. A alínea dois acrescenta ainda: “O museu promove a função educativa no respeito pela diversidade cultural tendo em vista a educação permanente, a participação da comunidade, o aumento e a diversificação dos públicos”.

Preto no branco. A educação torna-se protagonista nos museus portugueses, e, irreversivelmente obrigatória, por força de lei, finalmente!

Conclusão formal

Estes foram 50 anos de muitos caminhos e cenários. Antes, tempos de afirmação, agora tempos de resistência. Nestes novos contextos e dinâmicas é obrigatório o estado de alerta. É vital cuidar dos princípios fundamentais da génese da acção pedagógica para que a poderosa máquina da oferta de entretenimento, da facturação das bilheteiras e do sucesso das entradas, não neutralize práticas educativas estruturantes.

Acreditando na qualidade única da experiência irrepetível do contacto com a universalidade do objecto e a fruição indizível, adaptados a cada realidade e a cada objectivo específico, os Serviços Educativos, assumem-se, propõem, adoptam e interpretam todos os dias o risco e a diferença entre “O que se faz num Serviço Educativo ou como se faz um Serviço Educativo”.

Os Museus e os seus acervos são um recurso inesgotável às aprendizagens, um acesso inestimável à cultura, a competência única da descoberta pessoal, o modo do conhecimento, do pensamento, da criatividade e das emoções. O desafio permanente para a construção do quotidiano.



2008. "Alunos em visita de estudo". Jardim do Museu Nacional de Arte Contemporânea - Museu do Chiado
Obra do artista Jesús Soto

Em contraponto com a primeira imagem, esta por oposição. À corrida inicial de quem procura aventura, 50 anos volvidos, no mesmo jardim do mesmo museu, a interação com a obra de arte. Experimentando-a, numa abordagem vivenciada, olhando-a sobre a tessitura dos novos conceitos da contemporaneidade, a dois tempos entrelaçada. A do artista, investido de formalidade e conteúdo conceptual, a das crianças fazendo parte integrante do objecto, no domínio da sua realidade e exploração quotidiana, numa subconsciência dos valores cultos e aventureiros.

Chegados a 2011 e mais precisamente ao dia de hoje, aqui vos fica presente, em ritmo acelerado, a história dos Serviços Educativos.

Mas, no dia de hoje perduram ainda, suspensas, questões fundamentais, que enuncio e designo expressa e veementemente como:

Recados urgentes em tom obstinado

A atitude de contemporaneidade é exigente e dá trabalho, quando o compromisso é vão com os Serviços Educativos, impõe-se questionar as tutelas!

1. Designação ou terminologia dos Serviços Educativos, para quando uma resolução definitiva?
2. Adequação dos critérios de acesso e formação específica para os técnicos da educação museológica, para quando?
3. Designação da nomenclatura do técnico da educação museológica, para quando o ajuste merecido, imparcial, legítimo? Curador pedagógico, curador educativo?
4. Perante um panorama miserável, exangue e carente de meios humanos e financeiros é urgente dignificar e dotar orçamentalmente os Serviços Educativos dos museus do estado que resistem com esforço e tenacidade individual dos técnicos de educação, que se desdobram, acrobaticamente, para manter as programações. Para quando?
5. Apesar da perplexidade há ainda Serviços Educativos que sobrevivem com um só técnico. Para quando reforçar as equipas?
6. Proporcionar uma legítima estabilidade a muitos estudantes e voluntários que impelem e apoiam a concretização de um sem número de actividades, para quando?

Agora mudo o tom, da interrogação, lanço-me à afirmação!

1. Que a política expositiva e a oferta de programações nos museus, se faça em concomitância e partilha com os Serviços Educativos, para já!
2. Que a capacidade para atrair os públicos seja aferida entre as competências de toda a equipa de profissionais dos museus, não deixando essa crítica tarefa, na estrita responsabilidade dos Serviços Educativos, para já!

Conclusão pessoal

Hoje a voz neste museu onde a semente germinou e alastrou.

Volvidos 58 anos, tempo curto na história do tempo, hoje manancial de vivências e aprendizagens de utopias tornadas realidades.

Hoje a voz de muitos, (aqui discretamente presentes), que defendem com paixão universos intangíveis, transmitem significados e actualidade.

Hoje como nunca, contra todas as previsões, a consciência absoluta que sendo como somos, recentes e poucos num contexto nacional, somos um contingente determinado e empenhado, o maior e mais consciente grupo profissional que detém e dilata acervos / patrimónios e que em directo e no terreno abrange pessoas e comunidades com linguagens e realidades reflexivas.

O professor Damásio, que tanto contribui para o esclarecimento das inteligências emocionais, acercando-se tão bem das nossas realidades, no dealbar do século XXI, escreveu assim: “No que diz respeito à emoção não temos maneira de escapar à armadilha que natureza nos preparou. Caímos nela à ida ou apanhamo-la à vinda”.

Por isso hoje, aqui também, lugar para o sentimento, para dedicar uma palavra a TODOS, simbolicamente representados por quatro gerações de colegas que não escaparam à armadilha:

À mãe, à enorme mulher dos Serviços Educativos, à inspiradora permanente e sem fim, à eterna Madalena Cabral!

À companheira de trilhos, agora reformada, de rendição voluntária, num discernido e contagiante entusiasmo, a sempre amiga Manuela Gallego.

À nova geração, que olhou o nosso quotidiano dignificando-o e garantindo o seu lugar no domínio da acção/investigação, aqui personificado por quem primeiro ousou essa competência, a muito amiga Sara Barriga.

Aos muito jovens e queridos estagiários que inundam os museus com saber e sede de mais saber, com alegria e uma invejável capacidade de empreendimento.

E por último, hoje, para toda esta assembleia, que fará consequência e posteridade deste encontro, Parabéns!

Catarina Moura

Coordenadora do Serviço Educativo do MNAC – Museu do Chiado

5 Fevereiro 2011